



## Cavalgadas e territórios emergentes entre a tradição e a espetacularização

### Cavalcade and emerging territories between the tradition and the spectacularization

Daniele Luciano Santos<sup>1</sup>; Maria Augusta Mundim Vargas<sup>2</sup>

<sup>(1)</sup> Estudante; Universidade Federal de Sergipe UFS; São Cristóvão, Sergipe; [danielucisan@gmail.com](mailto:danielucisan@gmail.com);

<sup>(2)</sup> Professora; Universidade Federal de Sergipe UFS; São Cristóvão, Sergipe; [guta98@hotmail.com.br](mailto:guta98@hotmail.com.br).

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

*Recebido em: 05 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.*

**RESUMO:** Neste artigo abordou-se as cavalgadas do município de Itaporanga d'Ajuda/SE, com o objetivo de analisar seus territórios pelas práticas sócio-espaciais mantenedoras e propulsoras de sua realização. Para isso, além da revisão bibliográfica, adotou-se como metodologia a pesquisa documental em sites e jornais e a pesquisa de campo com uso da observação, realização de entrevistas, aplicação de questionários e registro fotográfico. Espera-se contribuir para a compreensão das motivações e das relações engendradas na manutenção das cavalgadas enquanto tradição e espetáculo.

**PALAVRAS-CHAVES:** Socio-espacialidades, Manifestação Cultural, Ressignificação.

**ABSTRACT:** In this article discuss the cavalcade in the municipality of Itaporanga d'Ajuda/SE, with the objective of analyzing their territories by the socio-spatial practices that maintain and propel them. For this, in addition to the bibliographic review, adopted as methodology the documentary research in websites and newspapers and the field research with use of observation, interviewing, questionnaire application and photographic record. It is hoped to contribute to the understanding of the motivations and relationships engendered in the maintenance of cavalcade as a tradition and spectacle.

**KEYWORDS:** Socio-spatiality, Cultural manifestation, Re-signification.

## INTRODUÇÃO

Para refletir a tradição e a espetacularização tomou-se como referência a variação ocorrida, desde a década de 1990, na composição e na estrutura da cavalgada em Itaporanga d’Ajuda/SE, que nos levou a questionar suas sócio-espacialidades, em que pese sua manifestação como prática festiva tradicional e contemporânea. Nesse contexto, teve-se por objetivo analisar os territórios das cavalgadas no município pelas práticas sócio-espaciais mantenedoras e propulsoras de sua realização.

As cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda derivam da manifestação popular denominada casamento dos tabaréus, este surgiu da junção entre a missa do vaqueiro e o casamento caipira, e na década de 1990, quando a prefeitura assumiu sua realização, se distanciou das práticas religiosas e aderiu a novas de cunho político/partidário e econômico<sup>1</sup>. Dentro do circuito de cavalgadas realizado pela prefeitura ocorrem até treze distintos percursos, que comportam a sede municipal e povoados.

A pesquisa é de natureza qualitativa ao eleger o fenômeno cavalgada como objeto de estudo e ao buscar apreender o real no contexto da subjetividade, do simbólico e da intersubjetividade próprias das práticas sócio-espaciais que se desenrolam no território. Além da revisão bibliográfica, adotamos como metodologia a pesquisa documental em sites e jornais e a pesquisa de campo com uso da observação, realização de entrevistas, aplicação de questionários e registro fotográfico.

## PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

O presente texto é parte da dissertação de mestrado intitulada “As sócio-espacialidades e ressignificações das cavalgadas – Itaporanga d’Ajuda/SE”. O município de Itaporanga d’Ajuda situa-se no Leste sergipano entre àqueles pertencentes a Grande Aracaju com sede situada à margem direita do Rio Vaza Barris e população de aproximadamente trinta e dois mil habitantes (Figura 1).

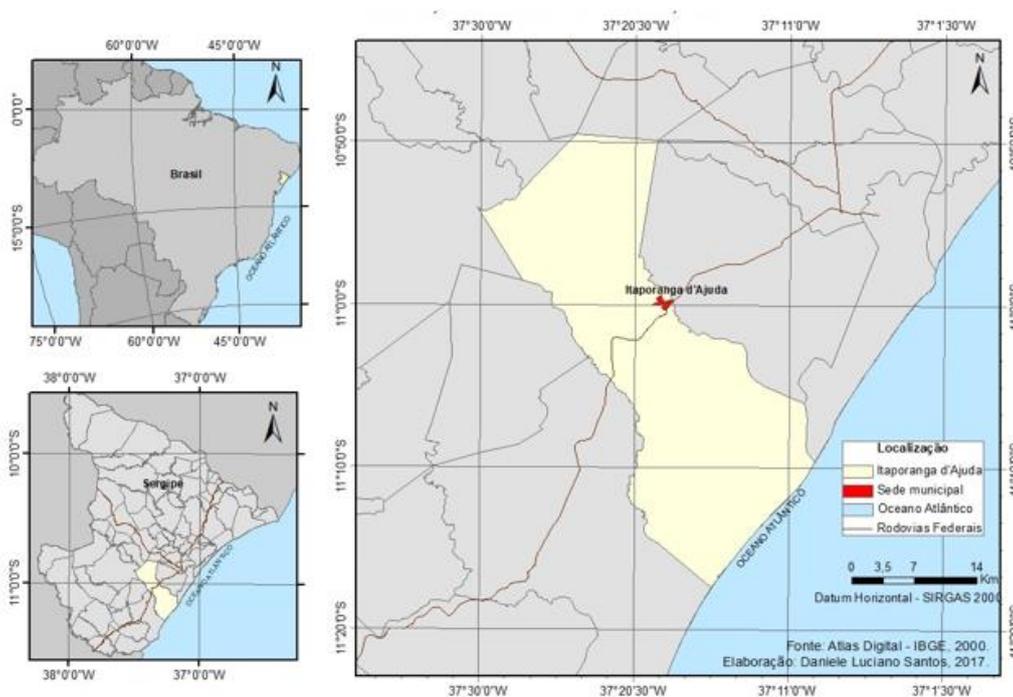
No tocante a sócio-espacialidade nos fundamentamos em Souza (2013) usando o conceito como indicativo de que estamos nos referindo ao espaço e as relações sociais de forma inseparável e, em Claval (2014) que destaca a construção do espaço social e do

---

<sup>1</sup> Sobre a história das cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda ver mais em Santos e Vargas (2017).

espaço cultural pela organização, significação da produção e valorização dos aspectos simbólicos.

Figura 1 – Espacialização do Município de Itaporanga d'Ajuda.



Fonte: Atlas Digital – IBGE, 2000.  
 Elaboração; Daniele Luciano Santos, 2017.

Compreendemos as cavalgadas como manifestação tradicional ressignificada tal como Vargas e Neves (2009), pois ao longo da sua história sofreram variações em sua finalidade, estrutura e forma, se desprenderam de determinadas características como a religiosidade e aderiram novas como a mercantilização. Esses autores nos auxiliaram compreender a complexidade dos territórios das cavalgadas bem como as relações que envolvem os atores e os sujeitos no processo de sua ressignificação em Itaporanga d'Ajuda.

Além da introdução o texto está estruturado em outras quatro sessões. Inicialmente apresentamos as relações, os atores e sujeitos envolvidos na realização das cavalgadas; sequenciadas as dimensões política, econômica e cultural/simbólica dos territórios das cavalgadas de forma a possibilitar nossa reflexão em torno dos distintos sentidos e significados atribuídos a elas enquanto tradição e espetáculo; seguidas das sócio-espacialidades e a dinâmica das cavalgadas que imprimem na paisagem da festa

suas particularidades; e as considerações finais. Com base no exposto, esperamos contribuir para a compreensão das motivações e das relações engendradas na manutenção das cavalgadas enquanto tradição e espetáculo. Para isso, além da revisão bibliográfica, adotou-se como metodologia a pesquisa documental em sites e jornais e a pesquisa de campo com uso da observação, realização de entrevistas, aplicação de questionários e registro fotográfico.

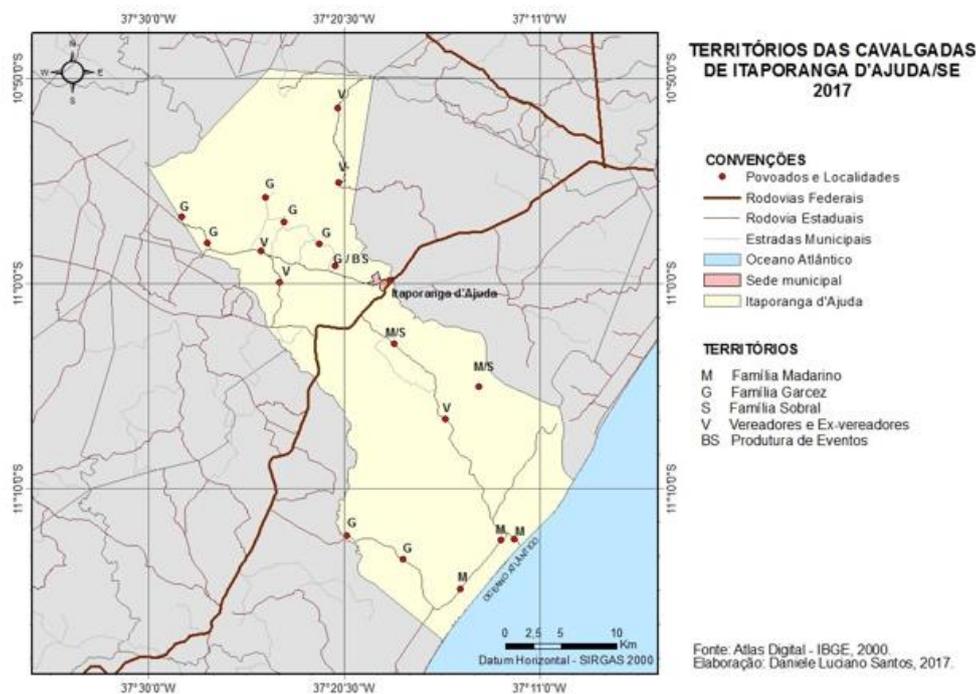
## CAVALGADAS ENTRE SUJEITOS E TERRITÓRIOS

A complexidade das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda perpassa a multidimensionalidade das relações, dos interesses e dos territórios, multidimensionalidade que segundo Haesbaert (2012, p. 95) “[...] desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica". Nesse sentido, buscamos analisar os sujeitos, as relações e os territórios onde a cavalgada se manifesta atrelados a suas dimensões materiais e imateriais sob o subsídio das discussões de Haesbaert (2012), Raffestin (1993), Claval (2013), Bonnemaision (2002) e Saquet (2013).

No contexto político Itaporanga d'Ajuda sempre foi palco de disputas entre determinados grupos políticos que correspondiam às famílias tradicionais locais. Entre elas destacam-se a Mandarin, a Garcez e a Sobral. Durante boa parte da história houve um “revezamento” entre estes três grupos políticos na gestão municipal e ao longo dos anos cada um deles foi conquistando admiradores e estabelecendo seus territórios de influência. Esses territórios vêm sendo mantidos por ações de cunho político, que em determinados momentos eram e são revestidos por justificativas filantrópicas, culturais e festivas.

Cada grupo político possui um território foco de suas ações, que normalmente é onde detêm mais seguidores (eleitores), e para mantê-lo utilizam-se de mecanismos e estratégias que agradam o maior quantitativo possível de pessoas. Assim, as festas e eventos patrocinados são oportunidades indispensáveis a este fim e identificamos a cavalgada não só como festa popular de cunho cultural e tradicional ainda que ressignificada, mas como festa popular que sempre foi apropriada pela política itaporanguense, na Figura 2 podemos constatar as cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda e seus realizadores no ano de 2017.

Figura 2 – Realizadores das Cavalgadas em Itaporanga D’Ajuda/SE, 2017



Fonte: Atlas Digital – IBGE, 2000.  
 Elaboração: Daniele Luciano Santos, 2017.

No entanto, os interesses na manutenção das cavalgadas não são apenas de natureza política, elas também são vistas como potencial econômico e geradoras de renda pelos vendedores e comerciantes ambulantes. Em 2006 o ex-vereador Bruno Sobral, com o apoio da prefeitura, realizou a Primeira Cavalgada D’ajuda a única de natureza particular no município. A Cavalgada D’ajuda se tornou um dos maiores eventos realizados pela BS Produções e Eventos e, uma das mais conhecidas no estado no quesito evento particular.

O interesse do empresário Bruno Sobral com a Cavalgada D’ajuda não é competir com as cavalgadas realizadas pela prefeitura, mas sim aproveitar o potencial econômico da tradição no município. Este fato é tão claro que a cavalgada particular sempre acontece antes ou depois do Circuito de Cavalgada realizado pela prefeitura municipal, ou seja, fora do período junino quando não há outra cavalgada para disputar preferência e público. Isso nos remete à Castro (2015) quando ele afirma a existência de festas populares que são usadas como alibi para a promoção de eventos mercadológicos e de entretenimento.

No mesmo contexto, lembramos que eventos como esse “[...]” não tem apenas uma natureza mercadológica, mas também uma finalidade político-partidária. Daí a

importância de a concentração de pessoas acontecer em espaços estruturantes e de elevada visibilidade da malha urbana, como as praças” (CASTRO, 2015, p.45). Para o autor a praça é um elemento das cidades ocidentais projetado intencionalmente e acima de tudo como espaço de convivência e visibilidade.

Os sujeitos locais enquanto participantes (espectadores, cavaleiros, amazonas, vendedores ambulantes) configuram o principal motivo da permanência das cavalgadas. Não podemos dizer que sem eles as cavalgadas não aconteceriam, mas entendemos que é por causa deles que elas permaneceram. Quando afirmamos que os interesses políticos determinaram em parte a expansão das cavalgadas em até treze distintos percursos, também estamos afirmando que os políticos locais querem firmar alianças com lideranças dos povoados e conquistar seguidores (eleitores) por meio da realização das cavalgadas.

Portanto, esses possíveis seguidores configuram o motivo da realização e manutenção das cavalgadas. A importância dos sujeitos locais é refletida diretamente nas cavalgadas, a partir do momento em que eles conformam o volume da festa – o público alvo, os cavaleiros, as amazonas e até mesmo os espectadores, bem como os vendedores ambulantes e donos de barracas que comercializam comidas e bebidas antes, durante e depois das cavalgadas que são realizadas por causa dos sujeitos locais, por eles e para eles, mas que são em grande parte, também, moradores das localidades.

## CAVALGADAS DA TRADIÇÃO AO ESPETÁCULO

A existência de várias cavalgadas em uma, nos foi revelada pelos distintos significados que são atribuídos a esta manifestação no município de Itaporanga d’Ajuda. Eles variam entre sujeitos conforme a maneira que participam, se como realizador, como espectador, como vendedor, como cavaleiro ou amazona. Também varia entre os que viveram e não viveram a época do casamento caipira, entre aqueles que apenas cavalgam, aqueles que vão para o show e aqueles que vão para ambos. Para os realizadores a cavalgada pode ser vista como “moeda de troca” entre os políticos ou ainda como fonte financeira para os empresários, porém divulgada como cultura e tradição.

Para os espectadores a cavalgada pode ser vista como um grande show/espetáculo feito para assistir e admirar, oportunidade aproveitada para realizar encontros como os familiares, os amigos e conhecidos. A cavalgada espetáculo

corresponde não só ao que é produzido pela prefeitura ou empresário, mas também pelos participantes com suas roupas de couro, camisas organizadas e cavalos de raças bem equipados. A exuberância dos animais e montadores compõe, em parte, o espetáculo da cavalgada, feito para quem cavalga e quem assiste.

Para os vendedores ambulantes, donos de barracas e comércios locais a cavalgada é oportunidade para vender bebidas, comidas, chapéus, bonés, acessórios e artigos de couros, ração para cavalo entre outros produtos. Dito isso, compreendemos que juntamente com a cavalgada se estabelece uma “cadeia produtiva”, configurada por redes e teias de atividades geradoras de renda. Para compreendermos a complexidade da cadeia produtiva da cavalgada apreendemos três escalas inseparáveis a macro, a local e a micro.

Na escala macro a cadeia produtiva se estabelece desde os primeiros momentos de planejamento, organização e posteriormente concretização da cavalgada. Em cada etapa os realizadores fazem movimentos financeiros para custeamento da divulgação midiática em sites, emissoras de rádios e televisão, divulgação impressa de pôsteres e outdoor; custeios da infraestrutura como trio elétrico, palco, aparelhagem de som, telões de vídeos, camarotes, iluminação, equipamentos de contenção e segurança; e custeamento das atrações artísticas.

Na escala local, a cadeia produtiva se estabelece quando os comerciantes locais donos de supermercados alimentam seus estoques, sobretudo de bebidas, para serem vendidos e revendidos no período da cavalgada; quando os donos de lojas agrícolas esvaziam seus estoques de ração e vitamina para cavalo, celas, chicote, arreios, esporas, entre outros; quando donos de caminhões transportadores de carga viva alugam seus carros ou cobram fretes para transportar os cavalos até o local de saída da cavalgada.

Na escala micro a cadeia produtiva se estabelece quando vendedores ambulantes aproveitam os diferentes ambientes ao longo do trajeto da cavalgada para comercializarem seus produtos. Para eles todo local é oportuno para geração de renda, ou seja, “a cavalgada é tudo, é onde gera tudo, cultura e dinheiro” (Entrevistado B). Quando questionados “o que é a cavalgada?” os comerciantes ambulantes respondem algo relacionado a lucro, vendas, renda e dinheiro. Apesar de ser periódica a cavalgada mostra-se como oportunidade de sustento para muitas famílias locais, e para sujeitos que vem de fora e que vivem de vender em festas por todo o estado de Sergipe.

Entendemos que a dinâmica da cadeia produtiva da cavalgada estabelece a indissociabilidade de suas escalas macro, local e micro, que se estabelece no território em forma de teias e redes. A primeira se dá na conexão de sujeitos pelos laços ou vínculos

sociais e a segunda se dá com a conexão e o fluxo entre lugares hierarquizados (BONNEMAISON, 2002).

Para quem cavalga o sentido da cavalgada também se distingue. Pois para os mais novos ela assume o caráter de esporte, para outros é brincadeira, diversão, animação. Há ainda aqueles que afirmam que “São João sem cavalgada não é São João” (Entrevistado C) ou que “a cavalgada é a melhor coisa do mundo” (Entrevistado D), mas o que a maioria destaca é que “a cavalgada é cultura e tradição de Itaporanga” (Entrevistado E). Quando se trata da subjetividade não podemos unidimensionalizar o sentido de algo e os significados que os sujeitos atribuem a ele.

Famílias ou grupos políticos, empresários, comerciantes, vendedores ambulantes, cavaleiros, Amazonas e no passado também a igreja deram e dão formas, sentidos e significados distintos a cavalgada. De acordo com seus interesses cada um a seu modo contribui com a resignificação da cavalgada enquanto festa popular ligada às tradições religiosas para condição de festa espetáculo ligada a tradições inventadas e reinventadas.

## NO TROTE DOS CAVALOS: A PAISAGEM DA FESTA

No período da cavalgada a tranquilidade do cotidiano típica dos povoados rurais dão lugar à agitação da dinâmica festiva. A paisagem de suas praças é alterada pelas bandeirolas, barracas, vendedores ambulantes, palanques, trios elétricos, o vai e vem dos cavalos e das pessoas. O silêncio, o som dos animais e dos galhos das árvores é abafado pelos anúncios e músicas dos carros de som e pelas conversas eufóricas de volume exacerbado.

Os cheiros das comidas e das bebidas as vezes misturados ao odor do suor e dos excrementos dos animais tomam a praça. Brandão (1989) afirma que ao olhar uma praça de uma cidade em festa podemos capturar o espetáculo da combinação de corpos, de gestos, de vestimentas e de situações, nesse contexto uma mistura de formas, sons e cheiros que despertam sensações, e compõe a paisagem das cavalgadas em Itaporanga d’Ajuda.

Afirmamos sensações porque, de acordo com Tuan (2013), a combinação entre os sentidos humanos e a familiaridade espacial enriquece nossa apreensão do mundo exterior. Nossa percepção do espaço depende da qualidade de nossos sentidos e de nossa capacidade racional de extrapolá-los para além do que percebemos. Aquilo que vemos,

ouvimos, tocamos, cheiramos, degustamos e processamos mentalmente nos possibilita experiências distintas e ampliam nossa noção do espaço. Associando as ideias de Tuan (Ibidem) com as de Cosgrove (2004) podemos afirmar que ter a noção espacial do ambiente da cavalgada por meio de nossas experiências sensoriais, indissociadas de uma sensibilidade contextual, nos permite ler a paisagem simbólica do seu próprio interior.

Os fogos de artifícios anunciam aos participantes o início da cavalgada. O trio elétrico se destaca na paisagem e contrasta com as centenas de cavalos contidos pelo pelotão da polícia montada. Em menor número está a presença de carroças, motos, carros e caminhões carregados de pessoas que desejam curtir a atração do trio elétrico e de vendedores ambulantes que aproveitam o percurso para vender suas mercadorias. Ao longo do trajeto a música dos carros de som disputa espaço com a do trio elétrico, que domina o ambiente e dita o compasso da cavalgada ao som dos tradicionais aboios e da contemporânea vaquejada ostentação – uma releitura do ritmo da vaquejada que utiliza instrumentos de metais e bateria.

Conforme as contribuições de Castro (2015), no espaço público ocorrem tanto os eventos de diversão quanto as festas populares tradicionais. Os primeiros “fazem uso de áreas privadas para a promoção de eventos que posteriormente se estendem para o espaço público” (ibidem, p.44). Nesse contexto, na cavalgada o trio elétrico é um espaço privado móvel que se impõe no espaço público por uma questão de natureza mercadológica.

Os animais são os protagonistas da cavalgada, raça pura ou sem definição, os cavalos, os jumentos e os burros chamam atenção com seus acessórios, faixas, enfeites e crinas trançadas. Os equinos tomam as praças, as ruas, as estradas e durante as horas que antecedem a cavalgada são tratados com regalias por seus donos e montadores. Colocar ração e água, escovação da pelugem e crinas, manutenção de ferraduras e entre outros cuidados, são realizados como preparação dos animais para a cavalgada.

O ir e vir dos caminhões transportadores de animais movimentam as rodovias, as estradas e as ruas. Caminhões de donos de fazendas e de haras ou fretados por grupos de cavaleiros, costumam realizar até três viagens, e descarregam os cavalos no local de saída da cavalgada onde os cavaleiros já os esperam. Esta é mais uma prática da cadeia produtiva da cavalgada que preserva os animais e os mantém descansados para realizar o percurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a “evolução” da cavalgada em Itaporanga d’Ajuda demarca a sua realização não mais como uma expressão da cultura de indivíduos interioranos com modo de vida típico do ambiente rural, nem sequer dos vaqueiros do campo, pois atualmente, em sua organização intervêm líderes comunitários, vereadores, empresários e principalmente os gestores municipais. Esta multi-intervenção movimenta e possibilita aos produtores e participantes da festa novos usos, interesses e percepções, que podem alterar o seu sentido.

Direcionamos esforços para esclarecer as representações e os territórios das cavalgadas como festa popular e como evento político, estes distintos respectivamente, pelo sentido de patrimônio apropriado pelo saber fazer popular e pelo patrimônio instituído por normas legais, ou pela repetição decorrente de interesses políticos e econômicos, como “moeda de troca” para a população.

As socio-espacialidades das cavalgadas reflete as relações de poder multiescalares e multidimensionais entre prefeitura, vereadores, famílias de tradição política, líderes comunitários e sujeitos locais. Relações que estabelecem múltiplos territórios e interferem direta e indiretamente em onde, como e quando a cavalgada ocorre. Nesse sentido, em Itaporanga d’Ajuda/SE ela é ao mesmo tempo uma tradição ressignificada de uma festa popular e um evento político inventado como circuito que atua nos principais povoados.

Com base no exposto, compreendemos que a cavalgada de Itaporanga d’Ajuda é ao mesmo tempo tradição, ressignificação, festa e evento político que se renova continuamente; que os itaporanguenses asseguram a cavalgada porque são eles que a vivenciam e a experienciam em seu cotidiano, no seu querer, gostar e desejar as que estão por vir.

## REFERÊNCIAS

1. BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 83-132.

2. CLAVAL, Paul. O Território na transição da pós-modernidade. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; ARRAIS, Tadeu Alencar. *É Geografia É Paul Claval*. Goiania: FUNAPE, 2013. pp. 122 -143.
3. CLAVAL, Paul. *A Geografia cultural*. 4 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
4. HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2009b.
5. HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidades*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
6. RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
7. SANTOS, Daniele Luciano Santos; VARGAS, Maria Augusta Mundim. *Festas Populares e Eventos Políticos nas Cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda / SE*. In: Anais XII Enanpege. Porto Alegre: Editora UFGD, 2017.
8. SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In; SAQUET, Marcos Aurélio & SPOSITO, Eliseu Savério. *Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão popular, 2009.
9. SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
10. VARGAS, Maria Augusta Mundim; NEVES, Paulo Sergio da Costa. *Inventário Cultural dos territórios de Sergipe e elaboração de um atlas da cultura sergipana*. Relatório. Seplan/SE: Aracaju, 2009.